

PROEJA: PRÁTICA DOCENTE DIFERENCIADA*Lúcia Kozow****Resumo**

Este artigo propõe uma reflexão sobre a atuação e o papel do professor que labora junto ao Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Para tanto, inicialmente, abordamos algumas características apresentadas pelos discentes que frequentam o Programa no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) *campus* Marechal Deodoro, mencionando alguns problemas encontrados pelos docentes na sua prática de sala de aula, tecendo algumas discussões e oferecendo algumas sugestões para resolução dos problemas encontrados. Por fim, será referenciada a questão pertinente à importância do papel representado pelo professor que atua junto a esta modalidade de ensino em sua perspectiva ontológica, levando-se em consideração a bagagem de conhecimentos, trazida pelos alunos, como marca e como potencialidade para o desenvolvimento de um trabalho em conjunto.

Palavras-chave: PROEJA, docentes, prática didática.

Abstract

This article proposes a reflection about the practice and the role of the teacher who works for the Programme for Integration of Professional Education at high school in the form Education for Youths and Adults (PROEJA). At first, we try to show some characteristic of the students who attend the Programme at Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Marechal Deodoro campus, mentioning some problems faced by the teachers during their classes, showing some discussions on them and offering some suggestions to solve the problems teachers are faced with. Finally, the relevant question will be referred to the importance of the role played by the teacher who works with this type of education in his ontological perspective, taking into account the background knowledge, brought by students, as a brand and as a potentiality for the development of a teamwork.

Keywords: PROEJA, teachers, teaching.

Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão relacionada aos caminhos a serem percorridos por todos aqueles que têm como desafio laborar junto ao Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Assim, ao referir-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA), estaremos evidenciando uma abordagem de acordo com Ciavatta e Rummert (2010, p. 462) como “[...] o conjunto de ações formais destinadas à elevação da escolaridade básica” e, neste caso, em específico, acrescentando um olhar desafiador ao ensino profissionalizante que congrega alunos com características diferenciadas tais como a idade avançada e a falta de oportunidade de frequentar uma sala de aula para um estudo formal, associando assim o resgate da escolarização básica com a educação profissional.

Além disto, o PROEJA, em se tratando de um programa que alia a Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a profissionalização, tem como característica a necessidade da transformação de teorias em resultados práticos, no sentido de que se busca visualizar o emprego da aprendizagem através da colocação em prática de todos os conhecimentos adquiridos durante os anos de estudo.

Para que se possa fazer um trabalho direcionado especificamente aos estudantes que participam do Proeja, é necessário a priori que o docente entenda o que significa esse programa, qual é a sua proposta, quais são os seus objetivos, suas características e concepção. Essas questões podem ser vistas através por meio dos documentos organizados e disponibilizados pelo MEC/SETEC e que servem como um guia informativo.

Para tanto, como ponto de partida, vamos analisar as características dos discentes que frequentam as aulas na modalidade PROEJA, tomando como base de observação os cursos desenvolvidos no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Marechal Deodoro, bem como algumas questões pertinentes ao presente tema e relacionadas à visão de alguns pesquisadores conforme referências expostas ao final. Posteriormente, discorreremos a respeito de alguns problemas encontrados na prática docente, frente à modalidade de ensino que representa o PROEJA, promovendo algumas discussões sobre o assunto e propondo algumas sugestões para a resolução dos problemas mencionados.

1 Características dos discentes do Proeja no campus Marechal Deodoro e condições de aprendizagem

Os discentes que frequentam o PROEJA no IFAL, campus Marechal Deodoro, nos cursos de Hospedagem e Cozinha apresentam características bem heterogêneas¹. Observamos e podemos dizer, ainda que de forma empírica, através do decorrer das atividades de sala de aula, que alguns demonstram ter bom raciocínio e discernimento diante das tarefas propostas, enquanto outros não conseguem formular ou desenvolver uma ideia simples ou mesmo acompanhar um simples raciocínio. Nesse sentido, os extremos dificultam o trabalho em sala de aula, em que muitas vezes aparece o sentimento de incapacidade, por parte do docente, que não consegue encontrar uma saída para resolver a questão.

Desenvolver um trabalho com bons alunos é fácil, mas como fazer para que aqueles que apresentam dificuldades possam avançar? Como trabalhar em conjunto com ambos na mesma sala de aula e no mesmo horário? As perguntas, questionamentos e problemas são muitos e o encontro de soluções deve dar-se com trabalho contínuo. É necessário que haja uma ação conjunta com os diversos segmentos da Instituição, para que os professores possam exercer a sua função de forma mais equilibrada, que eles sejam instrumentalizados e capacitados para criar e desenvolver estratégias que possam garantir, se não total, pelo menos parcialmente, a aquisição de conhecimentos principalmente no que se refere aos alunos com problemas de aprendizagem.

Ademais, as ausências dos alunos em sala de aula são ressaltadas como um problema que se pode considerar como um agravante relacionado à questão da aprendizagem, e que representam um caso comum no PROEJA. Muitas vezes não possuem uma justificativa plausível e acabam por dificultar, ainda mais, o trabalho a ser realizado, principalmente porque quando o aluno retorna, ele se encontra totalmente alheio às atividades que já foram realizadas, como por exemplo: não toma a iniciativa de verificar o que foi feito, de realizar algum trabalho solicitado, responder um exercício ou providenciar um material.

Outro fator que também é importante colocar, e que é uma característica comum entre os alunos, é o fato de que, quando conseguem algum trabalho/emprego que implica uma remuneração, imediatamente desistem das aulas. Afinal, estas não representam uma prioridade na vida deles. O fato é “justificável” já que se trata de pessoas adultas e que necessitam trabalhar para sobreviver. O que causa estranheza é que não se observa, em muitos, por exemplo, a iniciativa de pelo menos tentar conciliar o trabalho e os estudos, o que parece demonstrar, e algumas vezes já foi possível comprovar através de questionamentos, é que alguns acham que o estudo não vai fazer a diferença na vida deles.

2 Problemas encontrados na prática docente

Uma das principais colocações observações dos docentes que atuam junto ao Proeja é a de que não estão preparados para trabalhar com o tipo de alunos que aí se encontram, isto é, que as características desses discentes os obrigam a procurar mudar ou diferenciar a prática até então empregada nas aulas das distintas disciplinas ministradas.

Essas características se referem a fatos diversos, tais como o de que muitos alunos estiveram por vários anos fora da escola, que alguns possam supostamente apresentar distúrbios de aprendizagem, que outros necessitam receber o numerário oferecido pelo governo, a exemplo da existência de casos em que o valor recebido complementa a pouca renda ou é a única renda familiar disponível, além de outros aspectos não menos importantes.

Duran (2007, p.118) baseada em Michel de Certeau (apud CERTEAU, 1996) nos diz que “[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. Essa forma de sentir o dia a dia do trabalho no ambiente escolar necessita um olhar sério. É preciso que sejam proporcionadas, a professores e alunos, as condições necessárias para que possam

trabalhar juntos, dentro de uma perspectiva de aprendizagem, e o que se observa é que muitas vezes essas condições não são ofertadas, seja porque o próprio sistema não permite ou não está devidamente preparado, e a saída se resume em improvisações.

Reis (2011, p. 173) acrescenta que “[...] formar professores identificados, científica, pedagógica e criticamente com as necessidades dos estudantes em qualquer nível de ensino é o descompasso vivenciado na maior parte dos cursos de formação de professores brasileiros”. Quando se trata do PROEJA, parece que a situação, de alguma maneira, torna-se mais pontual. Afinal, os docentes afirmam que não tiveram a formação necessária para desempenhar o papel que lhes compete em sala de aula e reconhecem que se devem adotar novas formas ou estratégias de atuação junto a esse público diferenciado.

Alguns professores, por exemplo, que são oriundos de um mestrado ou doutorado e que muitas vezes se tornam especialistas teóricos nas suas áreas específicas, não estão dispostos a fazer uma pesquisa direcionada ao ensino. Falar em PROEJA é falar de ensino diferenciado, e ocupar a docência nesse nível necessita antes de qualquer coisa e de qualquer conhecimento, a boa vontade, pois tudo começa através dela.

Segundo Silva e Sant’Anna (2010, p. 71) “[...] a aprendizagem do sujeito da EJA obriga a mobilizar conhecimentos e a criar as condições, para que esses conhecimentos se inscrevam numa pessoa”. A construção do saber pedagógico parte da observação e da bagagem de conhecimentos trazidas pelos estudantes para que juntos, professores e alunos, se tornem sujeitos responsáveis por essa construção.

Assim, para adequar-se a uma realidade que é nova e específica, os professores necessitam, além de uma capacitação voltada para o Proeja, também, como afirmam Silva e Franzoi (2010, p. 257) “[...] receber uma formação voltada às especificidades do público jovem e adulto”, além da necessidade de trabalhar o seu psicológico porque muitas vezes se tem a impressão de impotência diante de determinadas situações, como, por exemplo, o caso de determinado aluno que não consegue estabelecer o menor raciocínio diante de um texto simples, escrito em seu próprio idioma, sem mencionar, como ficaria uma atividade em outro idioma, visto que o currículo contempla os idiomas, inglês e espanhol.

Por outro lado, como bem afirma o escritor Paulo Freire (1996, p. 145): “[...] jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos”. Nesse sentido, cabe a cada docente uma reflexão a respeito do seu modo de agir. Será que se está levando à sala de aula a vontade de ensinar, os bons sentimentos que são próprios do ser humano, o querer que o aluno aprenda verdadeiramente, a descoberta sobre quem é o ser humano/aluno que aí se encontra para poder ajudá-lo a adquirir os conhecimentos necessários que possam fazer a diferença na sua vida, no contexto social? Todos esses pontos ou interrogantes devem servir como reflexão e devem ser dirigidos a todos indistintamente.

Além disso, para suprir a grande lacuna existente, relacionada ao fato da dívida que a sociedade possui para com esta população trabalhadora, como bem enfatiza a professora Marinaide Freitasⁱⁱ com frequência em suas palestras, população esta que foi relegada a não receber conhecimentos senão aqueles estritamente necessários aos trabalhos exercidos no campo e nos espaços urbanos, é urgente que não somente os educadores mas toda a sociedade de maneira geral esteja atenta e mobilizada na busca de preencher este

vazio, o mais breve possível, que continua ainda pendente e carente de conscientização de muitos.

Oliveira e Franzoi (2010, p. 41) mencionam que segundo as estatísticas nacionais “[...] o maior número de sujeitos excluídos ou com trajetórias de insucesso escolar está nas regiões interioranas, associados a questões de raça, cor e gênero. Apesar da luta dos movimentos sociais, ainda persiste a dicotomia entre rural/urbano, campo/cidade”. No campus Marechal Deodoro, já é possível acompanhar a trajetória de alguns desses sujeitos advindos de lugares onde até a dificuldade do acesso ao transporte se faz visível, o que representa um ponto bastante positivo apesar de ainda pequeno diante do universo a ser contemplado.

Uma ideia que parece fundamental e é bem colocada pelos autores Santos e Arenhaldt (2010, p.284), encontra-se em Documento organizado pela UNESCO referente ao pensamento pedagógico da humanidade para o futuro, é trazer para a reflexão os seguintes pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e, por fim, aprender a ser. Estas vias encontram-se interligadas e merecem estar sempre vivas nas mentes dos educadores para que possam utilizar-se delas na sua práxis pedagógica.

2.1 Discussões e sugestões para a resolução dos problemas encontrados

Para minimizar os problemas, com os quais os professores fatalmente se deparam ao iniciar um trabalho com alunos com as características acima mencionadas, primeiramente se faz necessário que esses docentes tenham acesso a uma capacitação específica e mesmo que sejam levados a uma conscientização a respeito do que circunda o Programa com suas especificidades e ideologia de criação.

Segundo Silva e Sant’ana (2010, p.69), o fato de a escola estar recebendo estudantes de diferentes idades, e acrescentamos a isto a realidade de que estes estudantes estiveram afastados dos estudos por um tempo longo, tem causado alguns conflitos entre professores, coordenadores, direção e alunos, porque eles necessitam, indubitavelmente, de um tratamento diferenciado.

Assim, é preciso que os professores ouçam o que os estudantes têm a dizer e conheçam um pouco sobre quais são as suas experiências de vida. Como afirmam Ciavatta e Rummert (2010, p.466) “[...] a formação humana exige da escola profundas reformulações para abrigar e potencializar a riqueza e a diversidade que para ela convergem quando recebe os alunos da classe trabalhadora”. É importante construir um olhar sobre esta nova realidade. É necessário desmistificar ideias pré-concebidas a respeito desse público. É fundamental que se lhes propicie o prazer de estar voltando a estudar, a frequentar uma escola, de se sentirem cidadãos capazes de adquirir conhecimentos, de construir uma nova vida e de crescer como seres humanos, tornando-se ainda melhores.

Acima de tudo, é preciso que os docentes que atuam junto ao programa de jovens e adultos, como bem afirmam Ciavatta e Rummert (2010, p.466), possam levar em consideração a experiência dos estudantes numa abordagem dialética abandonando a visão dominante e até mesmo preconceituosa que acaba por desqualificar os saberes trazidos pela

classe trabalhadora através de suas experiências de vida e criar novas relações que propiciem interagir com os sujeitos envolvidos no processo, adentrando o seu mundo, para ajudá-los a transformar os saberes existentes, aprimorando-os, além de acrescentar novos conhecimentos.

Entretanto, o que costuma acontecer se processa da seguinte forma: algumas vezes o professor recebe um simples comunicado de que foi designado a dar aulas no PROEJA ou que já está contemplada alguma turma no seu horário, e ele sequer foi consultado. A colocação é a de que não há outro professor, ou seja, aquela matéria tem que ser ministrada porque se encontra na grade curricular e o professor da disciplina deve ministrá-la.

Esse professor não se sente preparado para atuar junto a esse público ou simplesmente não é do seu interesse. Desse modo, mesmo que lhe seja proporcionada uma capacitação específica seguirá reticente. É interessante que haja primeiramente um trabalho de conscientização desse docente a respeito do público pertencente a essa modalidade, bem como que lhe seja propiciado um conhecimento amplo sobre o PROEJA.

Para Silva e Franzoi (2010, p.258), “[...] não existem docentes para atuar nos cursos oferecidos no âmbito do PROEJA” porque o perfil que devem ter esses profissionais esbarra em diversas questões como, por exemplo, o fato de que não existe formação para atuar na educação profissional.

Assim, caberá ao professor inventar e reinventar a sua prática levando em consideração a bagagem de conhecimentos trazida pelos alunos, onde deve ser estimulada “[...] a busca por uma aprendizagem significativa, resultante da soma do conhecimento novo a outros antigos já existentes” (cf. REIS, 2011 p. 187), abordando temas relacionados com o conteúdo da matéria, mas que ao mesmo tempo resultem interessantes, tornando, dessa maneira, o seu trabalho mais produtivo e com maior probabilidade de êxito frente aos objetivos propostos.

Por outro lado, o que existe com relação à capacitação para os docentes da EJA, de modo prático e formal, ainda está se dando de maneira um pouco tímida, porém se observa que há uma preocupação por parte dos órgãos competentes como a CAPES/SETEC/MEC no sentido de apoio a projetos e a cursos de pós-graduação na área, fato este previsto em documentos que podem ser consultados em suas páginas virtuais.

Ninguém contesta o fato de que o professor deve estar bem formado ou em constante formação e que isso não deve ser visto como apenas uma despesa a mais para o governo, mas, sim, como um investimento necessário e fundamental nesse processo que ainda se pode chamar de inicial diante do percurso que, todavia, está por percorrer.

Os desafios são muitos diante de uma sociedade que se encontra em constantes transformações e é por isso que os docentes devem ver supridos os seus direitos, que é um dever do estado, de proporcionar-lhes uma capacitação continuada para poder exercer de maneira significativa a sua atuação junto aos sujeitos da EJA, defendendo uma educação centrada na pessoa humana.

Tardif (2002) é enfático ao afirmar que não se pode mais separar o trabalho do professor da pessoa do professor, bem como ao assinalar a preocupação com o resgate ao valor profissional do professor. Apresenta também os saberes que constroem a profissão

docente, onde aponta o primeiro deles como sendo os saberes da formação profissional e por último, os saberes experienciais que constituem a sua prática propriamente dita.

Podemos verificar que, com relação ao primeiro saber apontado pelo autor acima, os professores que atuam junto ao PROEJA no campus Marechal Deodoro se encontram numa posição que poderíamos considerar como delicada, pelo fato de não possuírem uma formação profissional específica para atuarem junto aos sujeitos da EJA. De fato, o que os docentes se apropriam se refere ao que o autor acima coloca como os saberes experienciais, aqueles provenientes da sua práxis, do seu dia a dia da sala de aula, onde se aprende a trabalhar, trabalhando.

Considerações finais

Um trabalho direcionado ao PROEJA exige muitas discussões e acima de tudo, compromisso. Isso implica, necessariamente, investigar entre outros aspectos as reais necessidades dos sujeitos alunos, para identificar, entre outras coisas, como eles produzem os conhecimentos que aportam. Discutimos aqui um pouco a respeito da prática docente nessa modalidade de ensino não com a pretensão de esgotar o assunto, mas com a intenção de fazer uma abordagem chamando a atenção para as situações enfrentadas pelos docentes no seu cotidiano de sala de aula. (Usar 0pt entre parágrafos!)

É importante, e diríamos até primordial, que as atenções não estejam voltadas somente para os alunos que frequentam o programa, mas também para os professores que atuam junto a eles, pois através por meio de uma boa aula, bem estruturada e devidamente ministrada, onde exista o intercâmbio de conhecimentos no processo de interação professor/aluno, é possível alcançar os objetivos desejados e que estão previstos no PROEJA.

Portanto, analisar o perfil e as necessidades dos alunos que estudam no PROEJA, para solucionar os problemas encontrados e melhorar a qualidade de ensino, é de fundamental importância, mas não se pode relegar a um segundo plano o papel que o professor desempenha e o que isso representa ao longo do processo, para que se possa alcançar êxito. Assim, é urgente o avanço na tomada de consciência dos responsáveis por dotar os docentes das condições necessárias ao bom desempenho de suas funções frente ao desenvolvimento das atividades pertinentes a sua disciplina no PROEJA, o que representa uma questão relativa de comando e esforço político.

Notas

¹Conforme pesquisa realizada e exposta na presente publicação.

²Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pesquisadora na área de Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia Maria. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, 2010, p. 461-480.
- DURAM, Marília Cleret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. : **Diálogo Educ**, Curitiba, v.7, n. 22, p.115-128, set./dez. 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, Maria Clarice Rodrigues de; FRANZOI, Naira Lisboa. Saberes que formam e transformam. In: BENVENUTI, Juçara et al. (Orgs). **Refletindo sobre o PROEJA: produções de Porto Alegre**. Pelotas: UFPEL, 2010.
- REIS, Ernesto Macedo. **Pesquisando o PROEJA através do ensino de ciências da natureza**. Campos de Goytacazes (RJ): Essentia, 2011.
- SANTOS, Ricardo Pampim do; ARENHALDT, Rafael. Passado, presente...futuro? trajetórias de vida de alunos. In: BENVENUTI, Juçara et al (Orgs). **Refletindo sobre PROEJA: produções de Porto Alegre**. Pelotas: UFPEL, 2010, p. 273-289.
- SILVA, Leí Terezinha P. Pillar da e SANT ANNA, Sita Mara Lopes. Diversidade etária na EJA. Em: SANT ANNA et all.(orgs). **Refletindo sobre PROEJA: produções de São Vicente do Sul**. Pelotas: UFPEL, 2010, p. 67-82.
- SILVA, Carla Odete Balestro e FRANZOI, Naira Lisboa. O docente do PROEJA na voz de alunos e professores. Em: BENVENUTI, Juçara et al (Orgs). **Refletindo sobre PROEJA: produções de Porto Alegre**. Pelotas: UFPEL, 2010, p. 253-271.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.